

TRADUÇÃO E CRÍTICA: A TAREFA DO TRADUTOR E SEUS COMENTADORES

TRANSLATION AND CRITICISM: THE TRANSLATOR'S TASK AND ITS CRITICS



Thiago André dos Santos Veríssimo¹
(Doutorando em Estudos da Tradução - PGET, UFSC, Florianópolis, Brasil)
thasverissimo@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o ensaio “A tarefa do tradutor” (1921), de Walter Benjamin, a partir da relação que estabelece entre a linguagem, a filosofia e a tradução, e também num desdobramento da tradução como crítica. Para tanto, o nosso breve estudo percorre alguns dos comentadores desse ensaio de Benjamin, como Antoine Berman, Susana Kampff Lages, Jeanne Marie Gagnebin e Paul De Mann.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Tradução e crítica; Filosofia e linguagem.

Abstract: This paper aims to analyze the essay "The Translator's Task", written by Walter Benjamin (1921), based on the relationship established among language, philosophy and translation, as well as a split of the translation as criticism. Thus, this study covers some of the critics of this Benjamin's essay, as Antoine Berman, Susan Kampff Lages, Jeanne Marie Gagnebin and Paul De Mann.

Keywords: Walter Benjamin; Translation and criticism; Philosophy and language.

155

Antoine Berman define tradutologia como sendo a “reflexão da tradução sobre ela mesma, a partir de sua natureza de experiência” (BERMAN, 2009, p. 347). Ao lançar esse horizonte para a tradução, Berman ressalta a relação entre reflexão e experiência, categorias pensadas pela filosofia, por autores como Kant, Fichte, Hegel, Husserl, Benjamin e Heidegger, e, segundo o crítico francês, “cuja unidade é sempre seu foco de reflexão” (2009, p. 347). Nesse sentido, diz Berman:

Pois quando a experiência volta-se sobre ela mesma para compreender-se e tornar-se mais plenamente “experiência”, ela se torna reflexão. Mais exatamente, a reflexão não é nada mais que tal retorno, que se efetua no âmbito da língua natural. Tal é a estrutura “especulativa” que a filosofia interroga. Mas não somente ela: a partir dos românticos, a literatura também (BERMAN, 2009, p. 347).

Dessa forma, partindo da relação entre linguagem, filosofia e tradução como desdobramento crítico, o objetivo é analisar o ensaio “A tarefa do tradutor” [*Die Aufgabe des*

VERÍSSIMO. Tradução e crítica: “A tarefa do tradutor” e seus comentadores.
Belas Infêéis, v. 3, n. 2, p. 155-164, 2014.

Übersetzers], de Walter Benjamin, referência constante para os estudos da tradução. “A tarefa do tradutor”, prefácio, escrito em 1921, à tradução da obra *Tableaux parisiens*, de Baudelaire, e publicados em 1923. No entanto, o prefácio não se refere especificamente às traduções feitas por Benjamin do autor francês. Trata-se, sim, da reflexão de Walter Benjamin sobre a tradução, pautada numa certa filosofia da linguagem.

A partir desse ensaio, é possível encontrar questões pertinentes para o estudo da tradutologia, como “fidelidade e liberdade”, “língua pura” e sobre “memorização de Deus”. Lê-se também ali a preocupação de Benjamin com o conceito de traduzibilidade, além da afirmação de que toda a tradução é uma forma.

Algumas das reflexões presentes em “A Tarefa do Tradutor” já podem ser vistas no primeiro texto importante de Walter Benjamin: “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, de 1916, que trata de uma certa concepção da filosofia da linguagem, fazendo distinções de vários tipos de linguagem. Neste último, aparece a reflexão sobre o conceito de traduzibilidade:

156

É a tradução da linguagem das coisas para a linguagem do homem. É necessário fundamentar o conceito de tradução no nível mais profundo da teoria linguística, pois ele possui alcance e poder demasiado amplos para ser tratado de uma maneira qualquer num momento posterior, como algumas vezes se pensa. Tal conceito adquire plena significação quando se percebe que toda língua superior (com exceção da palavra de Deus) pode ser considerada como tradução de todas as outras. Graças à relação acima mencionada entre as línguas como uma relação entre *meios* de diferente densidade, dá-se a traduzibilidade das línguas entre si. A tradução é a passagem de uma língua para outra por uma série contínua de metamorfoses, e não regiões abstratas de igualdade e de similitude, é isso que a tradução percorre. Traduzir a linguagem das coisas para a linguagem do homem não consiste apenas em traduzir o que é mudo para o que é sonoro, mas em traduzir aquilo que não tem nome em nome. Trata-se, portanto, da tradução de uma língua imperfeita para uma língua mais perfeita, e ela não pode deixar de acrescentar algo, o conhecimento (BENJAMIN, 2011b, p. 64-65).

Percebe-se, nessa passagem, as seguintes questões desenvolvidas posteriormente em “A tarefa do tradutor”, como o conceito de traduzibilidade, que trata da aceitação da diferença como possibilidade de tradução, e não, de impedimento; a noção de tradução como linguagem, ou seja, a tradução como linguagem em si, a tradução da linguagem das coisas para a linguagem humana; e a tradução como processo de mudança e transformações contínuas de linguagem.ⁱⁱ

Desses conceitos, *traduzibilidade* é, talvez, a mais importante noção, junto ao conceito de *original* para a teoria da tradução:

VERÍSSIMO. Tradução e crítica: “A tarefa do tradutor” e seus comentadores. *Belas Infieis*, v. 3, n. 2, p. 155-164, 2014.

A tradução é uma forma. Para apreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade. A questão da traduzibilidade de uma obra possui um duplo sentido. Ela pode significar: encontrará a obra alguma vez, dentre a totalidade de seus leitores, seu tradutor adequado? Ou então, mais propriamente: admitirá ela, em conformidade com sua essência, tradução e – em consonância com o significado dessa forma – consequentemente a exigirá também? (BENJAMN, 2011b, 102).

A questão da traduzibilidade é vista como um duplo vínculo, pois reporta-se para um futuro incerto da obra traduzida, da mesma forma que a relaciona aos outros aspectos temporais, como passado, presente e futuro, contrapondo a forma da obra no original. A traduzibilidade pode ser encarada como *meio [médiu]*, pois está ligada ao passado do texto original e às suas futuras traduções.

Reflexões tão enigmáticas e, ao mesmo tempo, tão pertinentes, requerem de nosso estudo um ponto de convergência e de análise da ideia de tradução como crítica. Nessa perspectiva, tentaremos abordar a noção de crítica em Benjamin e no que diz respeito à tradução, a partir da vinculação da visão crítica presente no Romantismo de Iena tal como aparece no ensaio “A tarefa do tradutor”.

157

Em *Tradução e Melancolia* (2002), Lages destaca algumas leituras fundamentais para a compreensão e recepção de “A tarefa do tradutor”, como a conferência “Conclusões: ‘A Tarefa do Tradutor’ de Walter Benjamin”, de Paul de Man e o ensaio “Des tours de Babel”, de Jaques Derrida. No Brasil, Lages elenca os autores Haroldo de Campos, por meio de textos como “Da tradução como Criação e como Crítica (1962), “A palavra Vermelha em Hölderlin” (1967), “Para além do princípio da Saudade” (1984), “A poética da tradução” (1977), “*Post-scriptum: Transluciferação Mesfistofáustica*” (1981); e Jeanne Marie Gagnebin, com os textos “Origem da Alegoria, Alegoria da Origem” (1984), “Notas sobre as Noções de Origem e Original em Walter Benjamin” (1989) e “Origem, Original e Tradução” (1994).

Em resumo, segundo Lages, o comentário de Derrida parte da ideia do mito de Babel atualizado por meio das palavras joycianas: *he war*, “cuja conexão ambilíngue remete a Babel como figura não tanto da pluralidade, mas do conflito” (LAGES, 2002, p. 200). Já Haroldo de Campos, procura definir uma poética da tradução benjaminiana como estratégia de apropriação e transformação não servil, situando-a em relação às diferentes reflexões teóricas [...] e diferentes práticas poéticas” (Idem, 2002, p. 200). Gagnebin pensa o ensaio sobre a tradução de Benjamin num contexto mais amplos, que envolve os conceitos de origem e

original. Por fim, o texto de Paul de Man se insere a tradução em Benjamin no movimento de separação, pensado como “movimento fundamental de uma reflexão que se quer crítica” (Ibidem, p. 200).

Considerando a tradução como movimento crítico, do qual fala Berman, em *A prova do estrangeiro* (2002), é possível verificar na figura do filósofo Benjamin, o autor que melhor exprime a relação da tradução vinculada à reflexão romântica do conceito de crítica de arte, por meio de sua tese de doutorado *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, de 1919. Esta tese é, como destaca Berman, “talvez a obra mais penetrante já escrita sobre a *Athenäum*”ⁱⁱⁱ (BERMAN, 2002, p. 44). Da mesma forma, Seligmann-Silva afirma: “A tradução funciona como uma estrutura ou operador central já na dissertação sobre o conceito de crítica de arte em Friedrich Schlegel e em Novalis” (SELIGMANN-SILVA, 1999, p. 17). Isto é, a tradução funciona como medium-de-reflexão (*Reflexionsmedium*).^{iv}

Entretanto, para reconhecermos a tradução como medium-de-reflexão, é preciso compreender, primeiro, o conceito de crítica nos românticos de Iena:

158

De todas as expressões técnicas, filosóficas e estéticas, os termos “crítica” e “crítico” são provavelmente os mais frequentes nos escritos dos primeiros românticos. “Tu crias uma crítica”, escreve Novalis em 1796 a seu amigo, querendo fazer-lhe o mais elevado elogio, e dois anos depois Schlegel fala de maneira autoconsciente que ele iniciou “das profundezas da crítica”. “Crítico superior” é, para esses amigos, uma designação usual para todos os seus esforços teóricos (BENJAMIN, 2011a, p. 58).

Assim, o termo *Reflexionsmedium* é usado pelos românticos de Iena e retomado por Benjamin para designar a qualidade da obra de arte enquanto conhecimento crítico.^v Benjamin define esse conceito em sua tese, a qual acentua “o papel da ‘filosofia cíclica’ de Schlegel, a noção de ‘desdobramento infinito’ da reflexão; e da própria verdade – ou do absoluto – como Reflexão, movimento” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 11). Esse é o percurso gnosiológico que Benjamin propõe em sua tese.

De acordo com a noção da tradução como *medium*, percebemos como Benjamin articula a crítica e a reflexão, pois para ele: “Crítica é, então, como que um experimento na obra de arte, através do qual a reflexão desta é despertada e ela é levada à consciência e ao conhecimento de si mesma” (BENJAMIN, 2011a, p. 74). A intensificação dessa consciência crítica, afirma Benjamin, é infinita, a princípio, o que nos faz pensar que a consciência crítica está ligada à verdade da obra de arte. Por isso, “a crítica é, então, o *medium* no qual a limitação da obra singular liga-se metodicamente à infinitude da arte e, finalmente, é

VERÍSSIMO. Tradução e crítica: “A tarefa do tradutor” e seus comentadores. *Belas Infieis*, v. 3, n. 2, p. 155-164, 2014.

transportada para ela, pois a arte é, como já está claro, infinita enquanto medium-de-reflexão” (BENJAMIN, 2011a, p. 76).

Considerando essa citação, podemos afirmar, assim como Gagnebin (1980) assinala, que o objetivo da atividade crítica é a constituição e o desdobramento de algo inerente a sua natureza, vinculado à obra de arte e para além dela.^{vi} Nesse sentido, em “A tarefa do tradutor” (1921),^{vii} Benjamin realça a noção da tradução como forma, à medida que reconhece na tradução uma “pervivência”^{viii} da obra, inserida na sua traduzibilidade, ou seja, uma sobrevida da obra de arte.

Com efeito, a crítica pensada como *medium* e desdobrada em tradução deixa de lado o caráter judicativo que, mormente, permeia a crítica para ser pensada de modo mais significativo como reflexão, o que implica um processo de conhecimento interno da obra. Isso nos mostra que a crítica de uma obra de arte tem pouco a ver com o subjetivismo do gosto crítico, e sim, que está relacionada com a organização da obra. O desdobramento da crítica sobre a obra de arte garante encontrar um critério consistente para o crítico, excluindo uma dupla relação perigosa: a arbitrariedade do gênio-autor ou a subjetividade do gosto do crítico. Sendo assim, o critério da crítica como tradução se dá mediante a reflexão inscrita na obra de arte, desdobrando-se numa autodescoberta da própria arte na organicidade da obra enquanto forma.

Considerando a relação entre crítica e obra de arte, e o desdobramento dessa vinculação com a tradução, acompanhamos a seguinte constatação de Gagnebin:

Podemos observar aqui que nossas práticas de leitura e de análise de textos são filhas dessa exigência romântica de encontrar na própria obra seu princípio de constituição e, simultaneamente, de criticabilidade. Pois o ganho maior dessa definição é estabelecer um lugar de destaque para a atividade crítica, lugar não só seguro (pois se origina na ordem imanente da obra), mas também essencial, pois à crítica cabe o trabalho de levar a obra inacabada para a sua verdade mais elevada, isto é, colocá-la em relação com a ideia absoluta de arte, ideia que a obra sempre visa sem poder alcançá-la (GAGNEBIN, 2007, p. 77).

Tanto a crítica como a tradução são tarefas inacabadas, pois tendem a levar a obra de arte para além de suas formas originais, constituindo-se em atividades inconclusas, mantendo uma relação de derivação com a obra no original, e não de similaridade. É nesse sentido que se pode, de forma análoga, relacionar a “tradução com crítica”; sabendo que, “a limitação da obra individual é metodicamente relacionada com a infinidade da arte” (BENJAMIN apud BERMAN, 2002, p. 219). Sendo assim, uma das possibilidades de crítica é o movimento

VERÍSSIMO. Tradução e crítica: “A tarefa do tradutor” e seus comentadores. *Belas Infêéis*, v. 3, n. 2, p. 155-164, 2014.

inconcluso, levado para além da obra de arte, para a sua própria infinitude. É nesse movimento que pensamos também a tradução como obra literária, observando que uma das formas da obra ganhar uma sobrevida (“pervivência”) se dá pela tradução, de acordo com a “A tarefa do tradutor” (2011b), de Benjamin.

Para os românticos de Iena, na revista *Athenäum*, a crítica é superior à tradução. Ou seja, o gesto de criticabilidade pensado por eles reside, segundo Berman, numa tentativa de unir este gesto tradutório ao texto crítico acabado, resgatando assim a “ideia da obra [de arte] enquanto autoteoria da crítica e ‘pequena obra de arte’” (BERMAN, 2002, p. 222).^{ix} Noutras palavras, a crítica, na arte romântica, é mais valorizada do que a obra, como bem observa Walter Benjamin (1919): “na arte romântica, a crítica não é somente possível e necessária, mas [...], inevitavelmente, há em sua teoria um paradoxo: nela, a crítica é mais valorizada do que a obra” (BENJAMIN apud BERMAN, op. cit., p. 222).

Antoine Berman no capítulo “A tradução como movimento crítico”, do livro *A prova do estrangeiro* (2002), salienta o caráter de subgênero da tradução para os primeiros românticos de Iena. Contudo, observa também que na filologia romântica conseguiu-se estabelecer uma relação profunda da obra enquanto obra ligada à tradução e à crítica. Essa relação reside no “fato de que a obra, por ordem da tensão que a une à língua e, ao mesmo tempo, a separa dela (ou num outro nível: na relação de aderência e de afastamento que a liga à linguagem), permite a tradução, a requer como uma necessidade própria [...]” (BERMAN, 2002, p. 233). Isso se dá de tal maneira que a tradução é o próprio destino da obra. Berman, assim como Benjamin, pensa bem essa questão sobre a necessidade ou solicitação da obra por tradução. Pensar a relação entre obra e tradução é refletir, como já mencionamos anteriormente, sobre a traduzibilidade da obra literária, que consiste:

no fato de que a obra, surgindo como obra, institui-se sempre por um certo *afastamento* de sua língua: o que a constitui como *novidade* linguística, cultural e literária é precisamente esse espaço que permite sua tradução para uma outra língua e, ao mesmo tempo, torna essa tradução necessária e essencial [...] (BERMAN, 2002, p. 224).

Diante da concepção descrita por Berman, podemos ter dois sentidos para a tradução: o primeiro, de que a tradução é exterior à obra, portanto, a obra pode existir sem ela; segundo, a tradução se apropria da obra e a obriga a ir para além de si mesma. Na tradução reside a

estranheza entre as línguas, a da obra original e da estrangeira, o que revela que a tradução é uma verdadeira metamorfose.

Outro estudo importante para a compreensão da noção de tradução como crítica, é o de Paul de Man, em sua conferência: “Conclusões: ‘A Tarefa do Tradutor’ de Walter Benjamin” (1983). Nessa conferência, De Man partilha das referências do romantismo alemão no ensaio de Benjamin, bem como identifica alguns pontos em comum com o movimento de Iena: a crítica, a teoria literária, a filosofia e a história. Essas características derivam, por excelência, do original, constituindo assim uma relação de derivação e não de similaridade com o original, fazendo da tradução e da crítica atividades inconclusas:

A tradução, diz Benjamin, também se assemelha mais à crítica ou à teoria da literatura do que à própria poesia. É definindo-se a si mesmo em relação a Friedrich Schlegel e ao Romantismo Alemão em geral que Benjamin estabelece esta similaridade entre crítica literária (no sentido de teoria literária) e tradução; e esta referência histórica ao Romantismo de Iena dá à noção de crítica e de teoria literária uma dignidade que não tem de ter, normalmente. Tanto a crítica como a tradução são apanhadas na atitude a que Benjamin chama de irônica, uma atitude que desfaz a estabilidade do original dando-lhe uma forma canônica definitiva na tradução ou na teorização. A tradução de maneira curiosa, canoniza a sua própria versão mais do que o original era canônico. Que o original não era puramente canônico é nítido pelo fato de requerer tradução; não pode ser definitivo uma vez que pode ser traduzido. Mas não se pode, diz Benjamin, traduzir a tradução; tendo-se uma tradução não se pode traduzi-la mais. Só se pode traduzir o original. A tradução canoniza, congela um original e mostra no original uma mobilidade, uma instabilidade, em que não reparou a princípio. (DE MAN, 1989, p. 111-2).

161

A leitura de De Man enfoca a compreensão da tradução por meio de uma perspectiva do original pela tradução, observando as relações da tradução com a crítica, com a crítica e a teoria literária, e com a história. Todas vinculações derivam, de acordo com De Man, do original. Mas essas vinculações (entre a tradução e o original) não são postas numa perspectiva orgânica e natural baseada em processos de semelhança ou derivação entre a tradução e o original. Nesse sentido, De Man chama à atenção ao fato de a tradução desarticular o original, revelando que o “malogro [da tradução], que parece ser devido ao fato de serem secundárias em relação ao original, revela um malogro essencial, uma desarticulação original que se encontra já no original” (DE MAN, 1989, p. 113).

Haroldo de Campos, por meio de sua leitura de “A tarefa do tradutor” de Benjamin, teoriza sobre a tradução como “transcrição”, no sentido de “definir uma poética da tradução benjaminiana como estratégia de apropriação e transformação não servil, situando-a em

relação a diferentes reflexões teóricas” (LAGES, 2002, p. 200), quais sejam, o estruturalismo jakobsoniano, a semiótica peirciana, a desconstrução derridiana.

A teoria da “transcrição” de Haroldo de Campos está pautada, sobretudo, na afirmação que Benjamin faz da tradução, de que é uma forma. A tradução é uma forma no sentido de que o tradutor não é o responsável pelo original, ou seja, ele não cria a obra e, sim, a recria. Noutras palavras, a tarefa do tradutor, segundo Benjamin, não está ligada à fidelidade verbal, sintática ou estilística da tradução.

“A tarefa do tradutor” é, finalmente, um texto breve, mas de significativa representatividade teórica, no qual Benjamin sintetiza alguns aspectos tradicionais da tradução, ao mesmo tempo em que discute noções dicotômicas: fidelidade/liberdade, literalidade/figuratividade, texto original/texto traduzido. Essas noções são constantemente discutidas nos estudos da tradução, ligadas a outros aspectos como a crítica e a tradução como forma.

162

Pensar a tradução como forma para Benjamin é libertar o tradutor das amarras da literalidade do texto traduzido, observando, entretanto, a estranheza presente no texto original. Nesse sentido, o breve texto de Benjamin discute concepções de linguagem, pois para o filósofo, a linguagem em si é tradução, porque há diversas outras formas de traduzir, como a tradução de uma linguagem imagética para outros meios de linguagem, por exemplo. Assim, Benjamin não se atém na dificuldade de traduzir a língua, mas na possibilidade da traduzibilidade da mesma, o que inclui os meios de diferença entre línguas.

A traduzibilidade é vista então como uma forma de desdobramento crítico. A tradução modifica o original por meio da recriação, negando as relações de similaridades com o original: “Para compreender a autêntica relação existente entre original e tradução cabe fazer um exame, cujo propósito é absolutamente análogo ao dos argumentos com os quais a crítica epistemológica deve comprovar a impossibilidade de uma teoria da cópia ou da reprodução do objeto” (BENJAMIN, 2011b, p. 107).

Assim, podemos afirmar, à guisa de conclusão, que a tarefa do tradutor é um movimento crítico diante da obra original, pois consiste em ver a tradução como uma forma própria, que é diferente do original. Essa tarefa “consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado” (BENJAMIN, 2011b, p. 112).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 2011a.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: editora 34, 2011b, p. 101-119.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. A tradução e seus discursos. Tradução de Marlova Aseff. In: *Revista Alea*, 2009, v. 11. n. 2, p. 341-357.

BOLLE, Willi. “A metrópole como medium-de-reflexão”. In: *Leituras de Walter Benjamin*, 2007, pp. 93.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Nas fontes paradoxais da crítica literária”. Walter Benjamin relê os românticos de Iena. In: Selligmann-Silva, M. *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999, pp. 61-78.

_____. *A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin*. São Paulo: 1980, p. 219-230.

DE MAN, P. Conclusões “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin. Tradução de Teresa Louro Pérez. In: _____. *A resistência à teoria*. Lisboa & Rio de Janeiro, Edições 70, 1989.

163

LAGES, S. K. *Walter Benjamin: Tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. “Double bind: Walter Benjamin, a tradução como modelo de criação absoluta e como crítica”. In: _____. (org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999, pp. 15-46.

_____. *O local da diferença*. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 309-316.

RECEBIDO EM 10/12/2014

ACEITO EM 15/01/2015

ⁱ Lattes Thiago André dos Santos Veríssimo. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2828176181223711>

ⁱⁱ Cf. LAGES, S. *Tradução e Melancolia*, 2002, p. 199-216.

ⁱⁱⁱ A Revista *Athenäum*, publicada entre os anos de 1797 1800, pelos irmãos Friedrich Schlegel e A. W. Schlegel, na cidade de Iena.

^{iv} Sobre este conceito Seligmann-Silva esclarece, através da nota de número 4, no ensaio introdutório à tradução da tese de Benjamin para o português, que este termo alemão é ambíguo, pois pode ser traduzido tanto como

“medium-de-reflexão”, como quanto “medium-da-reflexão”; ambiguidade feita de propósito por Benjamin. Cf. SELIGMANN-SILVA, M. A Descoberta do idealismo mágico. In. BENJAMIN, 2011, p. 11-14.

^v Cf. BOLLE, Willi. A metrópole como *medium-de-reflexão*. In. SELIGMANN-SILVA. Leituras de Walter Benjamin, 2007, p. 93-113.

^{vi} Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin*. São Paulo:1980, p. 219.

^{vii} Cf. BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: editora 34, 2011b, p. 101-119.

^{viii} Neologismo proposto por Haroldo de Campos que dá a ideia de sobrevida da obra de arte, pensada a partir dos românticos alemães.

^{ix} Berman refere-se à ideia de crítica como resgate, dentre outras noções, de uma “pequena obra de arte” a partir da noção de fragmento feito por Schlegel em “A 206: É preciso que um fragmento seja como uma pequena obra de arte, inteiramente isolado do mundo circundante e completo em si mesmo, como um ouriço” (SCHLEGEL, 1994, p. 103).